

IN MEMORIAM

THÉO BRANDÃO

1907 — 1981

Theotônio Vilela Brandão, ou Théo Brandão, nasceu no município alagoano de Viçosa, no dia 26 de janeiro de 1907 e faleceu em Maceió, no dia 29 de setembro de 1981, vítima de câncer. Toda uma vida dedicada ao estudo do popular, a partir do “gosto, do namoro e da paixão pelo Folclore”.

Formado em Farmácia e Medicina pela Escola de Farmácia da Bahia e pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, deixa a lacuna somente deixada pelas vidas intensamente vividas porque dedicadas a causas que transcendem a finitude do humano na medida em que formam correntes de pensamento, tradição de pesquisa e opção por uma causa.

Se na infância vivida no Engenho Boa Sorte desenvolveria o gosto pelo Folclore, o estímulo fornecido pelo ambiente familiar aguçaria o espírito de pesquisa. Na prática médica pediátrica encontraria o motivo definitivo — “a compreensão e tolerância para com as crendices de seus pacientes interioranos” — que o conduziria à opção pela Antropologia quer como folclorista, quer como professor. E não obstante a sua conhecida eficiência como médico e como professor de Puericultura e Clínica da Primeira Infância, foi na condição de folclorista e professor de Antropologia e Etnologia do Brasil que, em Alagoas, formou Escola.

Vínculos familiares, afetivos e intelectuais ligam toda sua vasta contribuição ao estudo do saber popular ao trabalho desenvolvido por um grupo de folcloristas — Alfredo Brandão, José Aloísio Vilela, José Pimentel de Amorim — que, em Alagoas, constituiria, no dizer de Manuel Diégues Júnior, a Escola de Viçosa, preocupada, não somente com o registro mas também com a interpretação das manifestações da cultura popular. Dessa postura metodológica, Théo Brandão foi o mais legítimo representante. Autodenominando-se “folc-etnólogo”, costumava insistir no que, do ponto de vista da ética da profissão, a “descoberta da Antropologia” significou para ele: o respeito e a atribuição do peso específico à concepção de mundo, às crenças, aos costumes, aos valores e às aspirações veiculadas pelo saber popular. Colocando-se a partir daí numa relação de empatia com este universo, pôde, frisava, como médico, como professor, como homem, sentir e compreender a infinita variedade do humano através do espelho erguido pela Antropologia. Pôde lutar pela ampliação do número de docentes da Universidade Federal de Alagoas, na condição de Diretor do então Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, tendo em vista o propósito da instalação de um setor de estudos antropológicos. Grupo de estudos que, uma vez criado, não deixasse morrer o seu trabalho. Autodidata em Antro-

pologia, mergulhado nas leituras de orientação culturalista, era natural que a essa corrente se filiasse. Mas, espírito lúcido e coerente, enfatizava a necessidade da autonomia intelectual no sentido de que o grupo permanecesse atento ao caminhar da Antropologia, ciência por sua própria natureza incompatível com a ortodoxia metodológica.

Retirado ao convívio dos vivos, sua voz não mais será ouvida. E não é o mais importante agora mencionar a riqueza do seu currículo nas funções administrativas que desempenhou, as associações a que se filiou, os prêmios a que fez jus, os grupos intelectuais que frequentou em Alagoas, na Bahia, em Pernambuco, no Rio de Janeiro, na Europa. O mais importante agora é não deixar morrer sua tradição de pesquisa, a sua opção pelo casamento sem tensões da cultura popular com a erudita — estudioso de uma, da outra representante —; a sua postura de intelectual que via na capacidade de pensar — conforme reiterou até os últimos instantes “ainda me resta pensar” — a contendora do irremovível, a teimosa companheira de uma luta desigual e impiedosa entre um organismo em processo de decomposição e um espírito lúcido, pronto ainda para o criar, o produzir, o contribuir. Nos seus escritos sobre o popular, no material de pesquisa coletado e a ser analisado, nos seus escritos literários, no Museu de Antropologia e Folclore — produto de sua luta —, nos Docentes de Antropologia da Universidade Federal de Alagoas, na Comissão Nacional de Folclore, Théo Brandão permanece em seu intenso ritmo de vida que a morte não conseguiu ceifar.

Nádia Fernanda M. de Amorim

Universidade Federal de Alagoas